



ST4. A TEMÁTICA INDÍGENA NA ESCRITA E NO ENSINO DE HISTÓRIA AVANÇOS E RETROCESSOS

198

LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE CONTEÚDOS E UMA ANÁLISE SOBRE A HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS DA AMÉRICA

*Galtière José dos Santos¹
Kathleen Kyara G. de Araújo²*

Resumo: A comunicação propõe uma reflexão sobre a importância do livro didático de História no processo de ensino-aprendizagem, pensando a respeito de suas contribuições e de seus problemas para a compreensão da história. Percebemos, a partir de uma experiência em sala de aula, desenvolvendo atividades do PIBID de História – CERES - UFRN, como o livro didático é um instrumento complexo da educação. Tendo como referencial Circe Bittencourt, selecionamos duas obras didáticas, “História, Sociedade e Cidadania”, de Alfredo Boulos Júnior (2009), e “Navegando pela história”, de Silvia Panazzo e Maria Luiza Vaz (2002), para fazermos uma análise sobre a abordagem dos conteúdos de História da América Colonial com o objetivo de identificarmos se havia um possível diálogo com as tendências da historiografia recente. Tal reflexão e análise forma importantes para identificarmos nos livros didáticos citados um déficit teórico e os limites no diálogo com a historiografia recente da História da América.

Palavras-chave: Livro didático. História. Análise. Seleção. Organização. Conteúdos.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende fazer uma análise dos livros didáticos de História de Alfredo Boulos Júnior (2009) – História, Sociedade e Cidadania, do 7º ano do ensino fundamental, e de Silvia Panazzo e de Maria Luiza Vaz (2002) – Navegando pela História, do ensino médio, em relação a sua complexidade, sua seleção e sua

¹ Bolsista do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) de História do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) e Licenciando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Orientado por Jailma Maria de Lima Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense, Coordenadora de área do PIBID de História e professora do Departamento de História do CERES/UFRN.

² Bolsista do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) de História do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) e Licencianda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Orientada por Jailma Maria de Lima Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense, Coordenadora de área do PIBID de História e professora do Departamento de História do CERES/UFRN.

organização dos conteúdos dos livros didáticos de História. A análise é especificamente sobre o conteúdo de História da América. Este artigo foi iniciado durante a disciplina de História da América II, do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus Caicó, a partir do estudo dos recursos citados acima, onde constatamos alguns aspectos complexos dos livros didáticos, que segundo Circe Bittencourt (2013, p. 72) a complexidade da natureza desse produto cultural explica com maior precisão o predomínio que exerce como material didático no processo de ensino e na aprendizagem da disciplina, qualquer que seja ela. Posteriormente realizamos um estudo de como é feita a seleção e a organização dos conteúdos, especificamente, o conteúdo de história da América, dentro dos livros didáticos citados. A breve análise sobre a história da América será em relação às novas tendências da historiografia, que busca superar as figuras heroicas que a visão eurocêntrica produziu na história da América, e que ainda hoje está presente em alguns livros didáticos de história.

De acordo com Thais Fonseca (2004, p. 73) não só os livros didáticos de História como todos os outros livros didáticos atuam como mediadores entre concepções e práticas políticas e culturais, tornando-se parte importante da engrenagem de manutenção de determinadas visões de mundo e de História. Com essa análise, poderemos saber se as obras analisadas têm contribuído com a permanência de discursos fundadores da nacionalidade, e com isso, ter a certeza, que o livro didático é fundamental, para discutir as suas dimensões como lugar de memória e como formador de identidades, evidenciando saberes já consolidados, aceitos socialmente como as “versões autorizadas” da história da nação e reconhecidos como representativos de uma origem comum.

A COMPLEXIDADE DO LIVRO DIDÁTICO

O livro é o instrumento didático mais usado no trabalho integrante da “tradição escolar” de professores e alunos. Nas palavras de Circe Bittencourt (2011, p. 299), o livro didático trata de um objeto cultural de difícil definição, mas, pela familiaridade de uso, é possível identificá-lo, diferenciando-o de outros livros. Se caracterizando pela interferência de vários sujeitos em sua produção, circulação e consumo.

O livro didático é um suporte de métodos pedagógicos, ao conter exercícios, atividades, sugestões de trabalhos individuais ou em grupo e de formas de avaliação do conteúdo escolar. No livro didático de História do 7º ano de Alfredo Boulos Júnior (2009) que foi analisado, o autor optou por uma História cronológica e integrada combinando e relacionando o estudo da História do Brasil com a História Geral. Enquanto, que no livro de Sílvia Panazzo e de Maria Luiza Vaz (2002) as autoras optaram por um diálogo entre a historiografia clássica e a história das mentalidades, do cotidiano, das relações de gênero, e não definindo uma única linha de interpretação.

De acordo com Circe Bittencourt (2011, p. 302), a complexidade do livro didático fornece condições para entender os debates e as críticas que ele tem sido alvo, tanto no interior da escola, entre educadores, alunos e pais de alunos, como nas discussões acaloradas ocorridas nos encontros ou resultantes de artigos de jornais e

revistas, envolvendo autores, editores, autoridades políticas e intelectuais de diversas procedências.

Hoje, há uma preocupação das autoridades governamentais na produção da literatura didática, é que os livros escolares sempre foram avaliados segundo critérios específicos ao longo da história da educação. O livro didático de História vem, sendo o mais visado e investigado por muitos estudiosos sob diversos ângulos no Brasil.

A HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS DA AMÉRICA: SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS

Os livros didáticos têm sofrido muitas mudanças nos últimos anos e vem sendo adaptado de acordo com os referenciais do Programa Nacional do livro Didático (PNLD). Os livros são produzidos em forma de seleções de conteúdos, que se destinam às diferentes séries do ensino fundamental e médio. Os conteúdos dos livros didáticos têm outra característica que precisa ser analisada: a articulação entre informação e aprendizagem. A análise do discurso veiculado pelo livro didático é indissociável da análise dos conteúdos e tendências historiográficas de que é portador. Portanto, devem-se levantar algumas questões sobre essa qualificação impositiva do texto, ao se ater às relações entre o conteúdo da disciplina e o conteúdo pedagógico.

O livro didático é também um depositário dos conteúdos escolares, suporte básico e sistematizador privilegiado dos conteúdos elencados pelas propostas curriculares: é por seu intermédio que são passados os conhecimentos e técnicas considerados fundamentais de uma sociedade em determinada época (BITTENCOURT, 2013, p. 72).

A organização dos conteúdos e sua seleção com base em uma concepção ampliada de currículo escolar foram assumidas de forma mais sistematizada e aprofundada nas propostas dos PCNs. Em que os conteúdos são organizados tendo como referências temas selecionados ou eixos temáticos, esperando-lhe maior liberdade e criatividade dos professores.

No livro didático do 7º ano de Alfredo Boulos Júnior (2009) os conteúdos são organizados por eixos-temáticos, onde no capítulo 13 o autor faz uso de um sistema de datação que permite situar os fatos no tempo, adotando uma linguagem simples onde o aluno possa familiarizar com os termos e conceitos do conteúdo de História da América. Nesse mesmo capítulo, Alfredo Boulos Júnior relata toda a colonização espanhola da América, tendo como figura principal Hernán Cortez, que para alguns é considerado o “grande colonizador” da América, conquistando as terras astecas e incas.

No entanto, ainda no capítulo 13, o autor não se esqueceu de relatar que durante o processo de conquista, os espanhóis iniciaram também a colonização da América, isto é, a ocupação, a administração e exploração do território americano, momento no qual, a escravidão indígena se torna mais intensa nas colônias da América espanhola. Já no capítulo 11 e 12, Boulos Júnior dá ênfase maior aos povos indígenas do continente americano. Nesses dois capítulos, o autor não relata apenas à cultura desses povos indígenas, como também ressalta a sociedade, a economia, a astronomia e a luta pela

terra. O capítulo 14, o historiador e escritor Boulos Júnior relata como se deu todo o processo da colonização portuguesa no Brasil.

O autor finaliza no capítulo 15, o conteúdo de América, tratando da economia e sociedade colonial no Brasil. Nesse sentido, percebemos porque que o mesmo optou por uma narrativa cronológica e integrada combinando e relacionando o estudo da História do Brasil com a História Geral. Mas, o autor do livro didático não conseguiu totalmente se desvincular da história clássica, com as suas famosas antíteses – os bons e os maus, os heróis e os covardes, os santos e os bandidos. Porém, em seu livro, Boulos Júnior manteve em partes, um diálogo com as tendências da historiografia recente.

No livro didático de História de Silvia Panazzo e de Maria Luiza Vaz (2002), os conteúdos são organizados por temas selecionados onde as autoras têm como objetivo ampliar os conceitos de colonização e escravidão, apresentando um panorama da colonização espanhola e inglesa na América. Com isso as autoras deixam totalmente de lado no conteúdo de América, a importância dos povos indígenas da América e as suas lutas por permanecerem em suas terras frente a colonizadores cruéis, como Hernán Cortez. Silvia Panazzo e Maria Luiza Vaz não tratam também no conteúdo de América assuntos como a colonização portuguesa. Desse modo, as autoras seguem as clássicas antíteses – os bons e os maus, os heróis e os covardes, os santos e os bandidos, como já foram mencionados acima.

A seleção de conteúdos é necessária porque faz parte de um conjunto formado pela preocupação com o saber escolar, com as capacidades e as habilidades, e não pode ser trabalhado independentemente. Os conteúdos curriculares vêm sendo constantemente lembrados como meios básicos para construir competências, sendo estes considerados meios para a aquisição de capacidades que auxiliem os alunos a produzir bens culturais, sociais e econômicos e deles usufruir.

Segundo Holien Gonçalves Bezerra (2010, p. 39), é nesse sentido, que os conteúdos ocupam papel central no processo ensino-aprendizagem, e sua seleção e escolha devem estar em consonância com as problemáticas sociais marcantes em cada momento histórico. Além disso, eles são concebidos não apenas como a organização dos fenômenos sociais historicamente situados, na exposição de fatos e conceitos, mas abrangem também os procedimentos, os valores, as normas e as atitudes.

A organização dos conteúdos, em muitos casos, é assumida de forma responsável pelos professores, tendo como referência suas experiências docentes ou as orientações dos órgãos responsáveis pelas políticas educacionais dos estados e dos municípios. De acordo com Holien Gonçalves Bezerra (2010, p. 39), o modelo mais clássico de organização dos conteúdos é o que se constitui a partir das temporalidades. Na maioria das escolas brasileiras, o tempo, ainda é considerado em sua dimensão cronológica, continua sendo a medida utilizada para explicar a trajetória da humanidade. E a periodização que é usada desde o século XIX é, História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea.

O que caracteriza a organização de conteúdos? O que caracteriza a organização dos conteúdos do livro didático de História é a linearidade e a sequencialidade. Mas, recentemente, encontra-se uma tentativa de superação da sequencialidade e linearidade em obras que tomam como fio condutor da exposição, à chamada História integrada, em

que América e Brasil figuram juntamente com povos da Pré-História, assim como a presença da História da África.

Muitos historiadores acreditam na perspectiva da História cronológica e integrada, como é o caso de Alfredo Boulos Júnior, que acredita nessa proposta curricular de História cronológica e Integrada em sua coleção didática para o ensino fundamental, “História: sociedade e cidadania”. Para o autor esta proposta contribui com a superação da prática de uma História eurocêntrica. Assim, os textos de autores e gêneros variados, além de diferentes tipos de imagens e temas, acabam orientando novas propostas de aulas inovadoras tematicamente e metodologicamente. Além disso, contribui para o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias à construção da cidadania, da capacidade crítica e da autonomia de juízo por parte do aluno.

Mas, ainda há grupos de autores que escrevem coleções didáticas de forma tradicional:

Ao longo da análise das coleções torna-se facilmente perceptível à presença de um grupo predominante, que pode ser designado de forma geral como Tradicionais. Estes autores abordam a História em sua dimensão meramente informativa e não conseguem valorizar o conhecimento histórico em seu aspecto construtivo. As narrativas são organizadas a partir de recortes já consagrados, as fontes históricas ganham caráter meramente ilustrativo e não são exploradas numa dimensão capaz de aproximar o aluno daquilo que preside o procedimento histórico. Em linhas gerais, estes autores apresentam uma concepção de verdade histórica pronta e irrefutável, que sacraliza as informações do livro didático, tornando, os conhecimentos históricos distantes, estranhos e pouco atrativos para os alunos (BENTO, 2008, p. 57).

Com base na citação de Luis Carlos Bento, os autores que elaboraram a narrativa de suas coleções embasada em recortes clássicos de conteúdos, mas apesar de utilizarem esta perspectiva tradicional às obras se abrem de modo significativo e relevante para uma renovação historiográfica, ainda muito tímida, mas que já apresenta melhores resultados em termos de produção cognitiva do conhecimento histórico para os educandos.

Para que o professor trabalhe com um livro didático em sala de aula ele tem que levar em conta os conhecimentos prévios, o desenvolvimento cognitivo e a realidade vivida pelos alunos, oferecendo elementos que lhes permitam estabelecer a relação entre o passado e o presente. Mesmo que o professor faça essa análise, ele tem que trabalhar também, juntamente com os novos pilares da educação que são: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver; aprender a ser.³

A história da América, especificamente nos livros didáticos, carrega um grande déficit, apenas ressaltando uma história que vai de Hernán Cortez a Augusto Pinochet.

³ Aprender a conhecer indica o interesse, a abertura para conhecimento, que verdadeiramente liberta da ignorância; aprender a fazer, mostrar a coragem de executar, de correr riscos, de errar mesmo na busca de acertar; aprender a conviver, aqui temos o desafio da convivência que apresenta o respeito a todos e o exercício de fraternidade como caminho do entendimento e, finalmente; aprender a ser visto, talvez, como o mais importante, por explicitar aí o papel do cidadão e o objetivo de viver.

O espectro dessa marca parece conceder a todo o continente uma imagem de sujeição, de autoritarismo e de incapacidade de livrar-se da condição de colônia. Em nossos manuais escolares aparece a terra onde o massacre: em que culturas e sociedades foram mortas a golpes de espada, lugar de veias abertas, pronto para receber a violência e a dominação estrangeiras, o continente vitimado. Terra de bons e maus, heróis e covardes, santos e bandidos (FERNANDEZ; MORAIS, 2010, p. 145).

Essas visões de América que estão presentes na tradição historiográfica, e que são histórias particulares, são geralmente narrativas de cronistas europeus. Sendo uma visão eurocêntrica, evolucionista e cientificista dos relatos de Hernán Cortez, e que foram reforçadas durante os dois últimos séculos, o século XIX e o século XX.

Atualmente, em pleno século XXI há livros didáticos de história que se apropriam dessas construções e reforçam-nas, podendo até misturá-las. A fim de superá-las devemos iniciar um longo e difícil caminho.

Não é difícil encontrar, nos livros didáticos, expressões como “Conquistadores e Conquistados”. “Europeus destemidos para enfrentar os mares desconhecidos” opondo-se a índios entregues ao “mais desolador sentimento de apatia” diante das danças encaradas como castigos de seus deuses (FERNANDEZ; MORAIS, 2010, p. 147).

Nessa respectiva citação é bastante perceptível a superioridade do colonizador, que vinha com uma única intenção de conquistar as terras desconhecidas e colonizá-la.

Para Luiz Estevam Fernandes e Marcus Vinícius de Moraes (2010, p. 147), do século XIX aos dias de hoje, o cientificismo ganhou novas roupagens, novas cores e adereços, distanciando-se de seu ideal imperialista para adquirir tons de defesa da pluralidade. Mas, de qualquer forma ocasionará vários preconceitos. Como por exemplo, o índio como um ser passível de receber a civilização importada da Península Ibérica. Outro exemplo da inferioridade dos nativos é a passividade do índio em receber a nova fé.

As noções de conquistas e exploração são muito fortes nos livros didáticos de história. Segundo Luiz Estevam Fernandes e Marcus Vinícius de Moraes (2007, p. 153), o problema reside em um reducionismo de caráter econômico capaz de matar culturas e prover uma origem passiva ao nosso continente, como que impedindo a visão de outras matizes em nossas histórias que não a da dor, do sofrimento e da negação.

O livro didático é um instrumento fundamental da educação brasileira. Um livro de história bem qualificado deve conter coerência e atualizações historiográficas, trazendo, assim, mais possibilidades de estudo e curiosidade pelo conteúdo de América. O professor de história deve estar constantemente atualizando-se em relação às mudanças historiográficas, passando a deixar de lado alguns conteúdos marcados pelo eurocentrismo, no livro didático, passando assim a inserir novas discussões nas aulas de história em que ministra sobre o continente da América.

De um modo em geral, todo o continente americano sofreu processos históricos semelhantes, como a colonização europeia, as lutas de independência, as ditaduras militares, as influências do liberalismo norte-americano, dentre outros. Porém, contamos com uma extraordinária complexidade étnica, pois o longo processo de miscigenação entre os povos europeus, os escravos africanos e os nativos, criou-se uma população muito diversificada que se manifesta de formas variadas nos diferentes países.

CONCLUSÃO

É com esta reflexão que podemos ter a noção de como a elaboração de um livro didático de História, nos dias atuais se torna cada vez mais complicado. Percebemos essa complicação ao ter acesso aos livros dos autores, Alfredo Boulos Júnior (2009) - História: sociedade e cidadania, e Silvia Panazzo e Maria Luísa Vaz (2002) - Navegando pela História, aonde constatamos que Boulos Júnior propõe e trabalha em sua coleção de livros didáticos com a História cronológica e integrada, enquanto Silvia Panazzo e Maria Luísa Vaz trabalham com uma história mais clássica.

O livro didático é muito limitado e condicionado por razões econômicas, ideológicas e técnicas, segundo Circe Bittencourt (2011). Além disso, a sua linguagem deve ser acessível ao público que virá a usufruir, e isso tem conduzido a simplificações que limitam sua ação na formação intelectual mais autônoma dos alunos.

A importância do livro didático reside na explicitação e sistematização de conteúdos históricos provenientes das propostas curriculares e da produção historiográfica. Autores e editoras têm sempre na elaboração dos livros, o desafio de criar esses vínculos. Mas, quando autores e editores simplificam questões complexas, impedem que os textos dos livros provoquem reflexões ou possíveis discordâncias por parte dos leitores. Pois, a tendência dos livros didáticos é ser um objeto padronizado, com pouco espaço para textos originais, condicionando formatos e linguagens, com interferências múltiplas em seu processo de elaboração associadas à lógica da mercantilização e as formas de consumo.

O livro didático tem sido o principal responsável pela concretização dos conteúdos históricos escolares. O livro didático não pode ser simples, pois não basta apenas lançar os conteúdos sem trabalhá-los, porque assim, inviabiliza a abstração dos conceitos por parte do educando. Mas, não é isso que boa parte dos professores encontra nos livros didáticos, como por exemplo, os exercícios e atividades são na maioria das vezes incompatíveis com os conteúdos apresentados.

Circe Bittencourt (2011) explica que o livro didático tanto no passado como no presente e com certeza no futuro, foi, é, e será uma mercadoria, um produto do mundo da edição que obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização pertencentes à lógica do mercado, pois o livro didático sofre interferências variadas em seu processo de fabricação e comercialização.

Na verdade, como já foi ressaltado, muitos dos autores que publicam livros didáticos nem mesmo apresentam formação na área a qual está produzindo, um fato importante que pode ser notado é que a formação contribui para o direcionamento

correto da área, e o livro didático de História não foge à regra. Os autores com formação em outras áreas nos apresentam alguns conceitos e interpretações no mínimo equivocadas em relação ao processo histórico. Realmente, enquanto isso acontecer, o nível da educação brasileira nunca será bom de verdade, pois no momento que as escolhas dos livros didáticos passarem a ser feitos por quem se especializou na área, como no caso aqui abordado, o de História, isso irá acontecer, infelizmente.

O conteúdo de história da América nos livros didáticos está tentando se atualizar em relação às novas tendências da historiografia, pois os assuntos abordados nos livros didáticos de história ainda estão se baseando nas noções de conquista e de colonização por nações, como a espanhola e portuguesa, que trouxeram derramamentos de sangue pelo continente latino-americano, fazendo com que povos indígenas fossem dizimados. Essas noções fazem com que as pessoas pensem que esses nativos eram inferiores em relação aos europeus, pois o que aparece nessas histórias é apenas o conquistador como o herói que derrotou nativos na busca de novos territórios.

Os livros didáticos de história devem ser elaborados por profissionais atuantes e atualizados com os debates acadêmicos, somente assim é possível melhorar a qualidade do ensino de história no país, mas para isto eles devem passar a serem vistos não como meras mercadorias, mas sim como instrumentos fundamentais do processo de ensino-aprendizagem. Um livro didático que porta conteúdos e reflexões, é um instrumento fundamental para a construção de um ambiente produtivo e criativo capaz de dinamizar o processo de ensino-aprendizagem. Além disso, o professor de história deve articular os conteúdos do livro didático com as novas abordagens metodológicas, trazendo aos alunos aulas diversificadas, e não, apenas caracterizadas pela leitura do livro, caso esse que ainda permanece dentro de algumas escolas da rede pública de ensino do Rio Grande do Norte.

REFERÊNCIAS

BENTO, Luis Carlos. **Livro didático e historiografia:** Um debate acerca do conceito de História produzido pelos livros didáticos, entre 2001 e 2005. In: _____. BENTO, Luiz Carlos. Jussara, 2008. p. 01-17.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: _____. KARNAL, Leandro. **História na sala de aula:** conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2010. p. 37-48.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Livros e materiais didáticos de História. In: _____. BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2011. p. 293-324.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Livros didáticos entre textos e imagens. In: _____. BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2013, p. 69-90.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História:** sociedade e cidadania. In: _____. BOULOS JÚNIOR, Alfredo. São Paulo: FTD, 2009, p. 218-231.

FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS, Marcus Vinícius de. “Renovação da História da América”. In: _____. KARNAL, Leandro. **História na sala de aula:** conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2010. p. 143-162.

FONSECA, Thaís Nivia de Lima e. Exaltar a pátria ou formar o cidadão. In: _____. FONSECA, Thaís Nivia de Lima e. **História e ensino de História.** Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed. 2004, p. 37-90.

PANAZZO, Silvia; VAZ, Maria Luísa. A colonização da América. In: _____. PANAZZO, Silvia; VAZ, Maria Luísa. **Navegando pela História.** São Paulo: Ed. Quinteto, 2002, p. 40-50.